

# HEGEMONIA E O RISCO DO ENGAJAMENTO: SILÊNCIO E VIÉS NA CONSTRUÇÃO DE MUNDOS SEMIÓTICOS

HEGEMONÍA Y EL RIESGO DEL COMPROMISO: SILENCIO Y SESGO EN LA  
CONSTRUCCIÓN DE MUNDOS SEMIÓTICOS

HEGEMONY AND THE RISK OF ENGAGEMENT: SILENCE AND BIAS IN THE  
CONSTRUCTION OF SEMIOTIC WORLDS

Matheus Nogueira Schwartzmann\*

Thiago Moreira Correa\*\*

Universidade do Estado de São Paulo

RESUMO: Reconhecendo que a semiótica discursiva se apresenta como metodologia, em certa medida, que permite tratar o sentido como fruto de enunciações individuais, sob qualquer sistema de valor, sem recair em análises pré-concebidas, buscamos refletir sobre como certos discursos ditos hegemônicos são assimilados como não marcados, ao passo que outros, não hegemônicos, acabam marcados — como “engajados”, por exemplo. Partindo da proposta greimasiana sobre as diferenças fundamentais entre mundos culturais distintos elegemos três revistas, *Estudos Semióticos*, da USP; *Cadernos de Semiótica Aplicada*, da Unesp; e *Actes Sémiotiques*, da Universidade de Limoges, para observar se e como os temas do racismo, machismo e feminismo aparecem em artigos desses periódicos. O texto procura então avaliar o estado de coisas estabelecido na semiótica discursiva, especialmente no Brasil, prospectando considerações para o seu futuro como disciplina nas ciências humanas e sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Semiótica. Hegemonia. Racismo. Feminismo. Machismo.

---

\*Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP, é líder do “Grupo de Pesquisa em Semiótica da Unesp - GPS” (FCLAr/Unesp), Coordenador da Rede de Pesquisa Internacional (RPI) “Retórica das identidades” (CAPES/PrInt), Coordenador do Núcleo de PIBID-Português (CAPES), professor no Departamento de Estudos Linguísticos, Literários e da Educação, da FCL da Unesp/Assis e Coordenador do Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa da FCL da Unesp/Araraquara. E-mail: matheus.schwartzmann@unesp.br.

\*\* Doutor em Letras pela USP, é pesquisador de pós-doutorado na FCLAr/Unesp (Capes), desenvolve trabalho como assessor pedagógico na SME-SP e atua na formação de professores na área de Língua Portuguesa. E-mail: thiago.correa@unesp.br.

RESUMEN: Reconociendo que la semiótica del discurso se presenta como una metodología, en cierta medida, que nos permite tratar el sentido como fruto de enunciaciones individuales, bajo cualquier sistema de valores, sin incurrir en análisis preconcebidos; buscamos reflexionar sobre cómo ciertos discursos dichos hegemónicos son asimilados como no marcados, mientras que otros, no hegemónicos, son marcados — como “comprometidos”, por ejemplo. Partiendo de la propuesta de Greimas sobre las diferencias fundamentales entre mundos culturales distintos, seleccionamos tres revistas, *Estudos Semióticos*, de la USP; *Cadernos de Semiótica Aplicada*, de la Unesp; y *Actes Sémiotiques*, de la Universidad de Limoges, para observar si y cómo los temas del racismo, el machismo y el feminismo aparecen, o no, en artículos de estas revistas. Así, el texto pretende evaluar el estado de las cosas establecido en la semiótica discursiva, especialmente en Brasil, prospectando consideraciones para su futuro como disciplina de las ciencias humanas y sociales.

PALABRAS CLAVE: Semiótica. Hegemonía. Racismo. Feminismo. Machismo.

ABSTRACT: Recognizing that discourse semiotics is presented as a methodology, to a certain extent, that allows us to treat meaning as the result of individual enunciations, under any value system, without incurring preconceived analyses; we seek to reflect on how certain so-called hegemonic discourses are assimilated as unmarked, while non-hegemonic discourses are marked — as “engaged”, for example. Starting from the Greimasian proposal upon the fundamental differences between distinct cultural worlds we have chosen three journals, *Estudos Semióticos*, from USP; *Cadernos de Semiótica Aplicada*, from Unesp; and *Actes Sémiotiques*, from the University of Limoges, to observe if and how the themes of racism, sexism and feminism appear in articles in these journals. The text then aims to evaluate the current situation in discursive semiotics, especially in Brazil, and to explore considerations for its future as a discipline in the human and social sciences.

KEYWORDS: Semiotics. Hegemony. Racism. Feminism. Sexism.

## 1 SEMIÓTICA: AUTONOMIA E VIÉS HEGEMÔNICO

A semiótica de linha francesa, também conhecida como semiótica discursiva, ou semiótica greimasiana, é uma teoria que se interessa pela significação e, mais especificamente falando, pela linguagem — não apenas a linguagem verbal, mas toda forma de prática social, artística, científica que possa ser reconhecida como tal, sejam práticas humanas, transumanas (inteligência artificial; próteses; algoritmos) e mesmo não humanas (ecossistemas; biossemiosferas). Levando em consideração a maneira como a semiótica pensa a língua, a linguagem, os textos e o discurso, o seu objetivo, *grosso modo*, tem sido o de explorar as possibilidades da apreensão da significação deixando cada vez mais de abordar o sentido “[...] como o mero encadeamento linear e uniplano das significações” nos textos e nos discursos, podendo então dar conta de conteúdos axiológicos e ideológicos e ser capaz de transformar esses conteúdos, “[...] considerando essa transformação como o próprio objetivo da teoria” (GREIMAS, 1975, p. 15).

Segundo essa perspectiva, a semiótica poderia ser tomada, então, no cenário das teorias da significação, como verdadeira estratégia de mediação do fazer do sujeito que quer ler o mundo, e o mundo que se oferece como possibilidade de leitura. O sentido seria entendido como resultado dessa relação, resultado de um exercício crítico de interpretação, que permitiria libertar o leitor-analista das amarras da cultura erudita, do cânone, das suas próprias experiências de vida. A teoria semiótica poderia garantir, assim, alguma *autonomia* diante dos objetos de estudo sobre os quais o analista se debruça. Tem sido assim no campo do literário e das artes plásticas, em que a teoria semiótica permitiu extrapolar as coerções relativas às escolas literárias, ao biografismo e à história da arte.

Essa *autonomia* nasce no fato de a semiótica nos ensinar que não há verdadeiro e falso, que são as estratégias discursivas que constroem ou moldam a realidade nos discursos e que frequentemente essas estratégias são invisíveis e estão sob o controle daqueles que detêm o poder de enunciar, o poder de narrar. Por isso, ao se apresentar como metodologia, em certa medida, de uma análise semântica do discurso, a semiótica permite que reconheçamos o valor no discurso, o sentido produzido em cada enunciação individual, nos libertando das análises viciadas e pré-concebidas, frequentemente marcadas por símbolos já profundamente cristalizados na sociedade.

Outra importante perspectiva sobre a autonomia no âmbito da semiótica discursiva é aquela destacada por Jean Cristtus Portela em sua tese *Práticas didáticas: um estudo sobre os manuais brasileiros de semiótica greimasiana* (2008). Segundo Portela, há na semiótica, especialmente em *Maupassant* (1976), de Greimas, um “‘imaginário didático’ [fruto do] desejo de formular uma obra que fosse ‘autodidática’” (PORTELA, 2008, p. 47). Esse imaginário perpassa outros autores, como Jean-Marie Floch, sempre no exercício de uma *ética do idealismo*, na medida em que uma análise semiótica poderia resultar em uma “aplicação ideal” (PORTELA, 2008, p. 54). No que concerne ainda à *autonomia*, Portela cita o que chama de “bela imagem cunhada por Greimas (2007) e retomada por Landowski (1985), [que seria] o momento crucial da atividade científica”, quando o semioticista, *regendo-o a si mesmo*, “concentrado em si mesmo ou no objeto que encarna seu desejo, ‘levanta seu olhar’ e toma consciência do mundo que o cerca e dos valores que garantem a existência de seus próprios valores” (PORTELA, 2008, p. 124). Essa imagem do olhar que se levanta é uma excelente representação do ensimesmamento dicotômico da teoria, que não permite a simultaneidade da existência do objeto — da ordem do *si*, da concentração dos valores —, e do mundo — da ordem do *outro*, da dispersão dos valores. E é assim que a noção de autonomia em semiótica se revela uma curiosa contradição, contradição já apontada por outros autores, como José Luiz Fiorin (1988) e Charaudeau e Maingueneau (2016), por exemplo. Quanto a Fiorin (1988, p. 7), especialmente, ele nos lembra de que a “linguística estrutural” — matriz do pensamento greimasiano — foi proposta por Ferdinand de Saussure (2013) como ciência piloto das demais ciências humanas e chegou a ser tratada como “linguística burguesa”, porque observava apenas os mecanismos de funcionamento internos à linguagem. Como contraponto, Fiorin já propunha na década de 1980 que se pensasse em uma saída para esse “viés burguês”, trazendo para a linguística do século XX o estudo das “determinações ideológicas” no “complexo fenômeno que é a linguagem”, para que se pudesse observar “[...] como a linguagem veicula a ideologia [e] o que é ideologizado na linguagem” (FIORIN, 1988, p. 7).

Nesse sentido, a semiótica francesa, dita greimasiana, parece ainda hoje se manter alinhada à ideia de ciência autônoma, epíteto que cabia bem à linguística do início do século XX. Ao assumir que se dedica ao estudo da linguagem — e do discurso — de forma independente, ou seja, sem depender exclusivamente de outras áreas do conhecimento, como a Psicologia, a Antropologia ou a Filosofia, por exemplo, e ao tomar o discurso como fruto de uma enunciação individual (*aquele objeto desejado pelo analista — Narciso epistêmico*), apesar de sua relevância metodológica, a semiótica acaba por assumir uma visão universalista e abstrata da produção do sentido, desconsiderando a dimensão histórica e contextual das diversas práticas semióticas (*produzidas no mundo que cerca o analista e seus valores*).

Essa suposta universalidade das categorias e conceitos utilizados pela semiótica discursiva acabou por relegar questões relacionadas a raça, gênero e sexualidade, por exemplo, problemas caros a um país como o Brasil, a um segundo plano ou a meros elementos temáticos de construção de isotopias no discurso. Desse modo, aquilo que poderia ser visto como *autonomia* — um certo “grau zero” da análise — se converteu, na verdade, em ângulo morto marcado por *valores hegemônicos* do analista, especialmente aqueles de uma cultura francófona, europeia, branca, heterossexual e cisgênera. Segundo essa perspectiva, o conceito de hegemonia pode ser entendido, numa acepção mais abrangente, como o estabelecimento de uma supremacia cultural de um grupo em relação a outro(s), como o conjunto de valores que compõem uma ideologia dominante em relação a valores considerados subalternos. Discursos e práticas da branquitude, do patriarcado, da normáscula e da cisgeneridade, por exemplo, são assim hegemônicos, na medida em que são assumidos socialmente como não marcados<sup>1</sup>.

Esses valores hegemônicos, quase nunca descortinados, acabam por organizar a maneira de pensar o mundo, fazendo com que, antes mesmo da produção dos discursos, sejam estabelecidos “[...] padrões de beleza, lugares e papéis sociais, a valorização ou a pejoração de crenças e costumes” (SCHWARTZMANN, 2021, p. 224). É assim, por exemplo, que se estabelecem estruturas como o racismo e o sexismo, que frequentemente ficam de fora do campo de visão do analista, concentrada nos critérios da representatividade, da exaustividade e da homogeneidade (GREIMAS, 1966), na abordagem de seu objeto.

<sup>1</sup> A título de exemplo, podemos pensar no que já dizia Simone de Beauvoir em sua obra *O segundo sexo* (1967, p. 148): “[...] com efeito, o homem representa hoje o positivo e o neutro, isto é, o masculino e o ser humano, ao passo que a mulher é unicamente o negativo, a fêmea. Cada vez que ela se conduz como ser humano, declara-se que ela se identifica com o macho”. A filósofa reconhece que o feminino, como valor social e ideológico, será, como o é em grande parte de línguas latinas, também na cultura sempre um termo marcado. Nesse caso, não se trata mais de pensar apenas em nível gramatical, em que se tem a constituição de um masculino genérico, mas reconhecer que há no universo de valores o estabelecimento de uma hegemonia do masculino.

Esse problema, no entanto, do enquadramento ideológico ou cultural, não era ignorado por Greimas. No seu ensaio “Considerações sobre a linguagem”, em *Sobre o Sentido*, (1975), ele reflete sobre a experiência humana e o problema da articulação das formas no seio de uma cultura. Segundo Greimas:

As reticências encontradas nas pesquisas que visam à explicitação dos *modelos ideológicos* têm raízes profundas. Não nos parece que se trate, unicamente, como se admite comumente, de reações da burguesia em defesa dos seus próprios valores. A causa se encontra no conjunto de valores culturais — populares e burgueses — que a sociedade ocidental assume tradicionalmente, e que sob o nome de “*humanismo*” constitui sua “*vivência*” implícita. De forma geral consideramos que a crise do Ocidente reside na existência de *dois humanismos*, um de tradição greco-latina, e outro que procura integrar, numa *antropologia única*, todos os valores humanos, colocando *lado a lado a cultura negra e a branca*. O problema, na medida em que for situado apenas a nível dos *conteúdos* do conhecimento, não nos parece essencial: *é a nível da forma desses conteúdos, da sua articulação implícita, que o problema deve ser recolocado.* (GREIMAS, 1975, p. 33-34, grifos nossos)

Greimas aponta para a necessidade de se reconhecer, para cada cultura, uma antropologia específica, mostrando que a própria definição de humanismo é oriunda da experiência profunda da vida: valores culturais assumidos por tradição. Nesse caso, Greimas parece afirmar que a experiência da cultura branca (assim como o serão as experiências não hegemônicas de classe, de gênero e sexualidade) é distinta daquela da cultura negra, e que a impossibilidade de regulação entre os dois mundos culturais faz nascer a crise do ocidente da qual ele fala, que seria finalmente uma crise humanitária. Como vivemos numa cultura branca, masculina, heteronormativa e cisgênera, isso tem produzido, historicamente, um *viés* nas análises semióticas, que acabam se revelando sempre hegemônicas.

## 2 OS LIMITES DE UMA SEMIÓTICA HEGEMÔNICA E A AMEAÇA DO “ENGAJAMENTO”

Este texto, pelas suas próprias coerções genéricas, não permite uma análise exaustiva de décadas de produção científica na área da semiótica discursiva. Pesquisas na área da historiografia semiótica<sup>2</sup>, no entanto, têm sido realizadas com muito êxito, apontando para dados importantes sobre nucleação dos grupos, interesses e temas de pesquisa e aplicações da teoria. Contudo, a intuição do senso comum — de que determinados temas têm sido relegados pela semiótica discursiva — pode ser validada em certa medida pelas ferramentas de busca de que dispomos e que funcionam por meio de metadados e palavras-chave. Isso porque os “metadados são metainformações, isto é, são dados que servem para identificar (indexar) outros dados [...] e desempenham um papel fundamental na textualização da indexação” (SCHWARTZMANN; PORTELA, 2015). Nesse sentido, o resultado da busca, conforme indicam Schwartzmann e Portela (2015, p. 227-228), pode ser tomado como “indexação textualizada [que seria] aquela que aparece para o usuário como produto da busca, na tela de seu navegador, em um computador, *smartphone* ou *tablet*, sob a forma de um texto compreensível para o usuário ou leitor comum”. E desse texto – o resultado da busca – podemos evidentemente extrair isotopias temáticas que podem ou não confirmar nossas hipóteses.

Para este pequeno exercício de demonstração, elegemos três revistas digitais, cuja contribuição para o desenvolvimento da semiótica no Brasil e na França é bastante relevante no que concerne especialmente à tradição greimasiana. São elas: a *Estudos Semióticos* (EsSe), da USP, a *Cadernos de Semiótica Aplicada* (CASA), da Unesp e a *Actes Sémiotiques*, da Universidade de Limoges.

Partindo do exercício semiótico de Greimas de reconhecer a diferença entre uma cultura e outra, ampliamos esse jogo para outros problemas culturais que estão sob o controle da hegemonia: o *racismo*, o *machismo* (ou *patriarcado*) e o *feminismo*, porque os três lexemas têm espessura conceitual e são amplamente usados por diversas escolas de pensamento desde o século XX.

Ao lançarmos o termo *patriarcado* nas três revistas, apenas na EsSe houve resultado. Trata-se do trabalho *A semiótica da escultura* (2018), de Antonio Vicente Pietroforte, que usa o termo uma única vez em seu sentido mais prosaico, sem espessura teórica. As outras revistas não apresentaram resposta.

<sup>2</sup> Para mais informações, consultar os trabalhos de Lemos, Portela e Barros (2012), Moreira e Portela (2021), Moreira (2019); Santos (2020) e Barros (2012).

Quanto ao termo *racismo*, mais uma vez apenas a EsSe apresentou resultado. Foram nove itens, sendo apenas quatro com discussões efetivamente sobre o tema: Alexandre Marcelo Bueno (2016); Iara Farias (2019); Matheus Schwartzmann (2021) e Eduardo Queiroz (2022). Todos os trabalhos foram publicados a partir da segunda década do ano 2000, dado que nos parece relevante, pois apontaria talvez para uma nova (e ainda frágil) tendência nos estudos greimasianos. A ausência de discussão na revista CASA no mesmo período talvez se justifique pelo hiato de alguns anos das publicações da revista, que retomou a sua periodicidade apenas em 2022. Em todo o caso, se pensarmos que o Brasil é um dos países mais racistas do mundo, com altas taxas de assassinato de jovens negros, altas taxas de encarceramento de pessoas negras, de maiores índices de pobreza e de baixa escolaridade entre a população negra, bem como a maior precarização e os mais baixos salários — com especial destaque à situação das mulheres negras — encontrar apenas quatro trabalhos sobre racismo é um dado alarmante. O tema chega a aparecer em outros trabalhos, especialmente sobre preconceito e intolerância, violência e educação, sem, no entanto, assumir a centralidade das discussões nem mesmo dialogar com autores brasileiros especialistas no assunto.

O cenário é similar quando se trata do termo *feminismo*: aparecem apenas três itens no resultado de busca da EsSe, sem que nenhum se aprofunde no tema, propondo relações entre teorias feministas e a semiótica. Já o termo *feminino* aparece com maior frequência na EsSe, com vinte itens, quatro na revista CASA e três na *Actes*. Em todos os casos de ocorrência de *feminino*, são análises de conteúdo sobre atores femininos, sem discussões profundas sobre feminismo, feminicídio, violência de gênero ou direito da mulher. Um deles se destaca, em um caso curioso: o trabalho das pesquisadoras brasileiras Taís de Oliveira e Gizelia Mendes Saliby, intitulado *A violência estrutural de gênero nas obras Mrs. Dalloway e As Horas* (2021), publicado em português na *Actes*. Estaríamos exportando uma tendência?

Ora, diante desses dados, evidentemente bastante limitados, repetimos aqui a pergunta feita por Eric Landowski, em 2017, no título do número 120 da *Actes Sémiotiques*: “La sémiotique peut-elle — doit-elle? devrait-elle? — être une discipline politiquement ‘engagée’?”<sup>3</sup>.

Naquele número, foram muitas as respostas, começando pelo próprio Landowski, que acaba por dizer que é muito difícil — ou deveria o ser — separar a vida de pesquisador da vida social. Mas é a resposta de Jacques Fontanille (2017a) que nos parece especialmente interessante, porque ele retoma essa ideia antiga em semiótica, mas de algum modo esquecida, que já pudemos apresentar no início deste texto: que os modelos ideológicos, os *humanismos*, apresentam um forte relativismo cultural e isso não poderia ser deixado de fora de uma análise semiótica. Diz Fontanille (2017a, p. 7, tradução nossa):

Para voltar à proposta de engajamento de Eric Landowski, parece-me que ela não pode ser eficiente e ter algum efeito sobre os mundos (com os quais estaremos “em uníssono”) a não ser sob duas condições que paradoxalmente pertencem a uma “ontologia deontologizada”: i) o mundo dito “real”, especialmente o mundo de mercado democrático, é somente um dos mundos que construímos por meio da nossa atividade semiótica coletiva, e ii) somos capazes de estabelecer outros tipos de mundos pela prática de outras atividades semióticas diferentemente das já estabelecidas. Landowski propôs a esse respeito o conceito de “tomada de posição”. Não é certo que seja suficiente garantir uma eficiência (ou uma agência) de expressões semióticas, em termos de intervenção e de impacto sobre os mundos. Pode-se efetivamente pensar nessa questão em termos de “tomada de posição”, mas também esperamos que o “tomada de posição” não seja apenas uma experiência de pensamento<sup>4</sup>.

O que nos interessa da reflexão de Fontanille é esse seu interesse por uma tomada de posição teórico-metodológica que não permaneça mero exercício intelectual. Essa espécie de *engajamento* tem aparecido em outros textos seus, especialmente em *A*

<sup>3</sup> A semiótica pode — deve, deveria — ser uma disciplina politicamente engajada? (tradução nossa).

<sup>4</sup> Do original: “Pour revenir à la proposition d’engagement d’Éric Landowski, il me semble qu’elle ne peut être efficace, et avoir quelque effet sur les mondes (avec lesquels nous serons ‘à l’unisson’) que sous deux conditions qui relèvent paradoxalement d’une ‘ontologie déontologisée’ : i) le monde dit ‘réel’, notamment démocratique-marchand, n’est qu’un des mondes que nous avons construits par notre activité sémiotique collective, et ii) nous sommes à même d’instaurer d’autres types de mondes en pratiquant d’autres activités sémiotiques que la précédente. Landowski a proposé à cet égard le concept de ‘prise’. Il n’est pas certain qu’il suffise à garantir une efficacité (ou une agence) des expressions sémiotiques, en termes d’intervention et d’impact sur les mondes. On peut effectivement penser cette question en termes de ‘prise’, mais on espère aussi que la ‘prise’ ne soit pas seulement une expérience de pensée”.

*semiótica hoje: avanços e perspectivas* (2016) e *Práticas e formas de vida: a semiótica de Greimas posta à prova pela antropologia contemporânea* (2017b), mas há ainda uma longa distância a ser percorrida.

Isso porque o mesmo Landowski, que defende a proximidade entre o analista e o que ele chama de vida social, já defendeu que variáveis como *idade, sexo e classe*, por exemplo (LANDOWSKI, 2014, p. 12), como aquelas constituintes da sociolinguística de base americana, seriam um “inconveniente”, em suas palavras, para o estudo semiótico porque reduziriam “[...] o sentido a uma função de expressão segunda, subordinada à primazia das estruturas sociais e, desse modo, de excluir toda autonomia do semiótico”.

Autonomia surge mais uma vez na voz de uma semiótica hegemônica que serve à manutenção de um pacto cultural inscrito na subjetividade do coletivo: o pacto narcísico da branquitude. Como muito bem nos diz Cida Bento (2022, p. 25), esse pacto é uma “[...] aliança que expulsa, reprime, esconde aquilo que é intolerável para ser recordado pelo coletivo” hegemônico. Ele “gera esquecimento e desloca a memória [...], suprime as recordações que trazem sofrimento e vergonha, porque relacionadas à escravidão”. Não podendo lidar com as estruturas de opressão que promove, o opressor branco (europeu, macho, heterossexual e homem cisgênero) e aqueles e aquelas que assumem seus valores hegemonicamente, nega-as para se limpar da violência que é constitutiva de sua identidade.

Assim, vemos seguidamente, na escola greimasiana, seja uma recusa, seja um silenciamento sobre temas de pesquisa que teriam justamente nessas variáveis (idade, sexo, raça e classe) o seu foco, porque parece que toda pesquisa que ouse trazer à tona aquilo que está sob as pesadas cortinas dos discursos hegemônicos será logo taxada de engajada, militante, aplicada, ou qualquer nomenclatura que o valha, pelos atores sociais responsáveis pela sua recepção e circulação. Diríamos então que a natureza do engajamento é *dissidente, é marcada, é distintiva*, enquanto os temas hegemônicos são vistos sempre como “neutros”, “universais” ou “naturais”. Consequentemente, uma análise semiótica hegemônica não se apresenta jamais adjetivada: é “a” análise semiótica. Ao contrário, uma proposta não hegemônica será imediatamente marcada como “uma outra” análise. É o mesmo que ocorre em classificações conotativas de formas literárias: não existe uma “literatura heteroerótica”, uma “literatura de autoria masculina” ou uma “literatura branca” porque esses valores são *não marcados*. A hegemonia dos valores patriarcais, brancos e da cisgeneridade permite que se diga apenas “literatura erótica” e “literatura”, marcando como “homo”, “feminina” e “negra” apenas as formas dissidentes.

O juízo de valor acaba frequentemente por escapar no discurso enunciado, em apresentações de números temáticos, de coletâneas e mesmo na própria propositura de simpósios e congressos da área. Um caso que pudemos encontrar, é justamente o de uma apresentação de número temático, em que se emprega o sintagma “discurso *mais engajado*” para artigo que apresenta uma investigação semiótica sobre o racismo (LOPES; SARAIVA; LIMA, 2019, grifo nosso). A afetividade salta do discurso no reconhecimento de um *certo* excesso (*mais*). Eis o risco do engajamento: ao buscar olhar para o mundo dos valores, o sujeito analista pode então ser *valorado* por sua comunidade.

### 3 UNIVERSO DE VALORES: O SILÊNCIO, A HEGEMONIA BRANCA, MASCULINA E CISGÊNERA

A semiótica discursiva surgiu na França nos anos 1960, ao lado de outras teorias do discurso que tiveram um grande impacto no campo da linguística e da filosofia e continuam a influenciar o pensamento crítico sobre língua, linguagem e discurso ainda hoje. Sabemos que as décadas de 1960 e 1970, especialmente, foram de muitas mudanças sociais e de desenvolvimento de novas mídias, da ampliação do seu alcance, da popularização do cinema e da fotografia, do imperialismo da propaganda e da comunicação de massa. A semiótica não deixou nada disso passar batido.

Como apontam Schwartzmann, Portela e Dondero (2021, p. 11-12), nesse período, especialmente, o sincretismo assumiu “[...] um estatuto muito particular [...] impulsionado pela nascente indústria cultural dos anos 1950 e 1960, voltada ao consumo e ao entretenimento”. Era importante para as teorias da linguagem dar conta de explicitar e compreender, sobretudo, os constituintes formais e a função das linguagens, na comparação com a linguagem verbal. Os problemas da ordem da expressão ganhavam destaque e a semiótica avançava rapidamente na direção de novos interesses, especialmente *estéticos* e de *mercado*.

Há no entanto algumas lacunas a serem preenchidas: enquanto outros estudiosos do discurso se preocupavam com o discurso político, com os problemas da sexualidade e do gênero, a semiótica de então, dita *standard*, parece ter ignorado completamente esses fenômenos.

Essa lacuna é especialmente profunda quando pensamos que a França é também um dos importantes berços do feminismo. Como se sabe, desde sua emergência no final do século XIX, o feminismo tem passado por diferentes fases ou “ondas”, cada uma com suas próprias características, lutas e reivindicações. No entanto, um nome é incontornável: Simone de Beauvoir. Em linhas muito gerais, a proposta de Beauvoir (1967), como construída em *O segundo sexo*, aproximava-se de inúmeros problemas caros à semiótica francesa, como subjetividade e alteridade, imanência e transcendência, fenomenologia, discurso social, entre outros. Além disso, conforme destacou Heleieth I. B. Saffioti (1999, p. 157), a reflexão de Beauvoir foi pioneira e influenciou muitas gerações, pois era uma escritora de projeção mundial que se dedicava “[...] ao estudo da mulher, [numa] fase de resgate da identidade feminina que precedeu a formulação do conceito de gênero, por Stoller, em 1968, e sua expansão a partir do artigo de Gayle Rubin, ‘The Traffic in Women’, em 1975”. Além da sua importância para a teoria de gênero e para as teorias feministas, Beauvoir circulava entre diversos grupos de intelectuais, produzindo relações de trabalho e amizade com autores como Maurice Merleau-Ponty, Gilles Deleuze, Félix Guattari, Roland Barthes, que, de algum modo, fizeram parte do escopo da semiótica e do círculo dos semioticistas.

Do ponto de vista político e das pautas raciais, a França viu o fortalecimento da esquerda, com pautas sociais importantes, movimentos grevistas consolidados e um crescente movimento negro influenciado pelo movimento dos Panteras Negras. Entre os anos de 1970 e 1971, por exemplo, circulou o jornal *Tout!*, que trazia reportagens sobre a situação da população negra na França, denunciando a discriminação racial e a violência policial, defendendo ainda a formação de grupos de autodefesa. Anos antes, entre as décadas de 1950 e 1960, um jovem e importante intelectual, aluno, na Universidade de Lyon, do mesmo Merleau-Ponty que inspirou Greimas (KLINKENBERG, 2017), vai publicar uma obra que também marcará profundamente os estudos sobre racismo e colonialismo no mundo: Franz Fanon. *Peau noire, masques blancs* (2015), livro que denuncia o racismo e a colonização linguística, será mal recebido pelo meio intelectual parisiense, que sempre o repeliu. O que de algum modo “autoexplicaria” a inexistência dessa discussão no âmbito de uma semiótica francesa.

Ainda que podendo incorrer em algumas generalizações, tendo em vista o recorte a que nos propusemos, é de algum modo evidente a predileção da semiótica (ou *dos* semioticistas?) por objetos estéticos (especialmente literatura, pintura e fotografia) de autoria europeia e masculina, bem como pelo discurso publicitário e de mercado. Se por um lado, autores como Jean-Marie Floch, Eric Landowski e Jacques Fontanille, romperam barreiras metodológicas historicamente apoiadas na linguística, ampliando o campo de atuação da semiótica, criando as bases de uma semiótica mais “aberta” e “extrovertida”, por outro, mantiveram-se alinhados aos seus valores hegemônicos. A genialidade de Floch permanece intacta, mas é interessante pensar que graças a ele há ainda hoje, na sua semiótica visual, um reforço de uma certa identidade feminina, marcada por uma forma de vida *chic* e pretensamente livre, quando opõe Chanel a Poiret, a partir da famosa ilustração de Jean Cocteau — este, um *péde* famoso, cuja obra homoerótica jamais ganhou uma página na semiótica. O mesmo ocorre quando se elege *Tintin* como herói e as facas *Opinel* como símbolo fálico: tradição, francofilia (ou *francilidade*), branquitude e masculinidade. O mesmo se pode dizer das inúmeras análises dos canônicos Proust e Maupassant, dos corpos paradigmáticos de modelos em desfile, do gosto pelo vinho, pela *cuisine*, pelas vitrines de moda etc.

Essa lacuna se aprofunda ainda mais quando o Brasil importa e se coloniza dessa identidade francófona. Com exceção de alguns trabalhos pioneiros de José Luiz Fiorin e Diana Luz Pessoa de Barros (Cf. apontam SCHWARTZMANN; PORTELA 2017), que têm historicamente tratado das relações de poder, de preconceitos e intolerâncias, e de crítica ao discurso “hegemônico sobre a brasilidade e a natureza da cultura brasileira” (SCHWARTZMANN; PORTELA 2017, p. 69), poucas obras de semiótica geral, de ensino de semiótica, e poucas pesquisas em nível de mestrado e doutorado trataram diretamente de temas não hegemônicos nas últimas décadas.

Podemos facilmente reconhecer que o Brasil produziu, nos últimos vinte anos, uma reflexão crítica e profunda sobre racismo estrutural, homotransfobia, gênero, feminismo e transfeminismo. No entanto, assim como na França do lituano Greimas, parece não haver interesse por esse pensamento e pelo estabelecimento de um diálogo mais profundo com uma sociologia e uma filosofia brasileiras, na direção de abordagens não hegemônicas.

#### 4 PARA CONCLUIR

O objetivo de nossa reflexão é o de provocar algum incômodo, para que possamos refletir coletivamente, sobre o passado e, principalmente, o futuro da semiótica discursiva no Brasil.

Com seu esforço metodológico e metalinguístico, em busca de um certo grau de cientificidade herdado do positivismo do século XIX, a semiótica evitou macerar entre seus dedos o social, o ideológico, o cultural. Se o século XX pôde deixar o cientificismo positivista para trás, levando-nos para outras direções, com as novas tecnologias, as práticas de circulação do sentido, a publicidade, a comunicação de massa, a popularização da arte, o século XXI nos desafia a um novo posicionamento: rever os comportamentos sociais e os modos de organização da sociedade, sair do *establishment* teórico e propor novas formas de ler e agir no mundo.

Para isso, nos parece inevitável construir relações com outros pontos de vista teórico-metodológicos, reconhecer formas de vida distintas das eurocêntricas e fazer o circuito científico girar na periferia global, em constante processo de mistura. Há que se reconhecer, finalmente, que a teoria, sozinha, não faz ideologia. Os pesquisadores e as pesquisadoras é que assumem posições, negam, recortam, ignoram e selecionam — triam — mundo semióticos.

Lembrando Fontanille (2017a), é preciso que a tomada de posição não seja apenas uma experiência de pensamento e que possamos tirar os olhos de nossos objetos e do fetiche teórico para reconhecer um estado de coisas que nos solicita, urgentemente, por uma mudança. Como atores de um dado sistema<sup>5</sup> — um mundo semiótico — que conhecemos bem e cujo funcionamento podemos descrever e decifrar, temos então o poder de instaurar outros tipos de mundo, praticando outras atividades semióticas que não apenas as que têm sido, por tradição ou inércia, repetidas por todos nós<sup>6</sup>.

#### REFERÊNCIAS

- BARROS, D. L. P. de. A semiótica no Brasil e na América do Sul: rumos, papéis e desvios. *Revista Estudos Linguísticos*, v. 20, n. 1. Belo Horizonte, 2012. p. 149-186.
- BEAUVOIR, S. *O Segundo Sexo: a experiência vivida*. Vol. 2. Tradução de Sérgio Milliet. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.
- BENTO, C. *O pacto da branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BUENO, A. M. Mestiçagem e imigração: triagem e mistura em um discurso do século XIX. *Estudos Semióticos*, v. 12, n. 2, p. 47-57, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2016.127623>. Acesso em: 12 jan. 2023.
- CARVALHO, M. R. V. de. *Perfil do professor da educação*. Série Documental. Relatos de Pesquisa Brasília, DF: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2018.
- CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2016.

<sup>5</sup> Nesse sentido, alguns dados nos parecem incontornáveis para encerrarmos nossa provocação. Segundo pesquisa do INEP, 88% dos professores da Educação Básica, nos anos iniciais, no Brasil (CARVALHO, 2018, p. 18), são mulheres. No mesmo recorte, 60% não são brancos (Pretos, Pardos e Indígenas). Havendo, ainda, 27% de entrevistados que não declararam cor/raça, o que pode aumentar o percentual de não brancos. Israel Jairo Santos, Patricia Modesto Matos e Dalila Xavier de França (2020, p. 7) corroboram essa informação, mostrando ainda que “[...] embora, as mulheres tenham maior presença na educação, as pesquisas têm apontado para uma distinção do quantitativo de mulheres no ensino superior”, ou seja, lá onde haveria maior qualificação e maior remuneração, há menos mulheres, que seguem precarizadas. Segundo os autores, se nos anos básicos elas representam 88% dos professores, “[...] no ensino superior elas representam apenas 45,5% dos docentes em exercício” (2020, p. 7). Quanto à raça, os dados são mais dramáticos. As pesquisas apontam que a Universidade de São Paulo (USP), por exemplo, “[...] uma das mais renomadas em todo o país, possui apenas 1,83% de professores pretos e pardos. Os docentes brancos representando 94,6%” (SANTOS; MATOS; FRANÇA; 2020, p. 10, grifo nosso).

<sup>6</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

- CORREA, T. M. Structure et histoire dans les inscriptions urbaines : la pixação. In: BADIR, S.; DONDERO, M. G.; PROVENZANO, F. (org.). *Les discours syncrétiques poésie visuelle, bande dessinée, graffiti*. Liège : Presses Universitaires de Liège, p. 95-114, 2019.
- CORREA, T. M. Semissimbolismo como estratégia didática na Semiótica Visual. *Estudos Semióticos*, v. 15, n. 2, p. 133-142, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2019.157125>. Acesso em: 10 mar. 2023.
- FANON, F. *Peau noire, masques blancs*. Paris: Éditions du Seuil, 2015.
- FARIAS, I. R. Investigações sobre o racismo: contribuições da semiótica francesa. *Estudos Semióticos*, v. 15, Edição Especial em homenagem a Claude Zilberberg, p. 184-195, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2019.154970>. Acesso em: 10 jan. 2023.
- FIORIN, J. L. *Linguagem e Ideologia*. São Paulo: Ática, 1988.
- FONTANILLE, J. Le prix et la valeur de l'engagement. *Actes Sémiotiques*, Limoges, v. 120, p. 1-7, 2017a. Disponível em: <https://www.unilim.fr/actes-semiotiques/5839&file=1>. Acesso em: 12 mar. 2023.
- FONTANILLE, J. Práticas e formas de vida: a semiótica de Greimas posta à prova pela antropologia contemporânea. *Estudos Semióticos*, v. 13, n. 2, p. 66-76, 2017b. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2017.141609>. Acesso: 5 mar. 2023.
- FONTANILLE, J. A semiótica hoje: avanços e perspectivas. Trad. Matheus Nogueira Schwartzmann. *Estudos Semióticos*, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 1-19, dez. 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/127608>. Acesso em: 4 mar. 2023.
- GREIMAS, A. J. Acerca do jogo. Trad. Jean Cristtus Portela. *Significação*, São Paulo, v. 34 n. 27, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/65642>. Acesso em: 5 ago. 2023.
- GREIMAS, A. J. *Maupassant: la sémiotique du texte, exercices pratiques*. Paris: Seuil, 1976.
- GREIMAS, A. J. *Sobre o sentido*. Ensaios semióticos. Petrópolis: Vozes, 1975.
- GREIMAS, A. J. *Sémantique structurale*. Paris: Larousse, 1966.
- KLINKENBERG, J-M. Greimas e a semiótica do mundo natural. *Estudos Semióticos*, São Paulo, v. 13, n. 2 (edição especial), p. 59-65, dez. 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/141608>. Acesso em: 5 ago. 2023.
- LANDOWSKI, E. Sociosemiótica: uma teoria geral do sentido. *Galáxia*, São Paulo, n. 27, p. 10-20, jun. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/gal/a/bPV5nZ7ZFrRyJP74QNry9yB/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em : 5 mar. 2023.
- LANDOWSKI, É. I. Le regard élevé. In: PARRET, H.; RUPRECHT, H.-G (ed.). *Exigences et perspectives de la sémiotique*. Recueil d'hommages pour Algirdas Julien Greimas. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, p. xxiii-li, 1985.
- LANDOWSKI, E. Sémiotique et engagement. Apresentação. *Actes Sémiotiques*, n. 120, 2017. Disponível em: <https://www.unilim.fr/actes-semiotiques/5816>. Acesso em: 5 mar. 2023.
- LEMOS, C. L.; PORTELA, J. C.; BARROS, M. L. P. de. Le soin de la formation: L'institutionnalisation de la sémiotique au Brésil. *Signata*, v. 3, p. 47-89, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/signata.806>. Acesso em: 5 mar. 2023.

- LOPES, I. C.; SARAIVA, J. A. B. LIMA, E. S. de. Uma homenagem à contribuição teórico-metodológica de Claude Zilberberg. *Estudos Semióticos*, v. 15, p. i-vii, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/156775/172397>. Acesso em: 12 mar. 2023.
- SANTOS, I. J.; MATOS, P. M.; FRANÇA, D. X. A raça e o gênero na docência do ensino superior. *Anais Educon 2020*, São Cristóvão/SE, v. 14, n. 10, p. 1-18, set. 2020. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/13726/10/9>. Acesso em mar. 2023.
- MOREIRA, P. V.; PORTELA, J. C. O contágio na semiótica brasileira: uma questão semio-historiográfica. *Estudos Semióticos*, v. 17, n. 1, p. 37-54, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2021.181583>. Acesso em: 12 mar. 2023.
- MOREIRA, P. V. *A emergência do sensível na semiótica discursiva: uma abordagem historiográfica*. 2019. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Araraquara (SP), 2019. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/19084>. Acesso em mar. 2023.
- OLIVEIRA T. de; MENDES SALIBY G. A violência estrutural de gênero nas obras Mrs. Dalloway e As Horas. *Actes Sémiotiques*, n. 125, p. 1-13, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.25965/as.7291>. Acesso em: 18 mar. 2023.
- PIETROFORTE, A. V. S. A semiótica da escultura. *Estudos Semióticos*, v. 14, n. 1, p. 144-157, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2018.144318>. Acesso em: 13 mar. 2023.
- PORTELA, J. C. *Práticas didáticas: um estudo sobre os manuais brasileiros de semiótica greimasiana*. 2008. 183p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Araraquara – SP, 2008.
- QUEIROZ, E. P. Personagens negras de O Cortiço: convergências com estereótipos. *Estudos Semióticos*, v. 18, n. 3, p. 93-110, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2022.198432>. Acesso em: 16 mar. 2023.
- SAFFIOTI, H. I. B. Primórdios do conceito de gênero. *Cadernos Pagu*, v. 12, p. 157-163, 1999. Disponível em <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/download/8634812/2731/3824> Acesso em: 18 mar. 2023.
- SANTOS, F. K. R. *O conceito de figuratividade e as práticas de institucionalização da semiótica no Brasil e na França*. 2020. 347 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Araraquara – SP, 2020. Disponível em: [https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/192989/santos\\_fkr\\_dr\\_arafcl.pdf?sequence=5&isAllowed=y](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/192989/santos_fkr_dr_arafcl.pdf?sequence=5&isAllowed=y). Acesso em: 18 nov. 2022.
- SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2013.
- SCHWARTZMANN, M. N. Discourse, culture and forms of life: the housemaid as the face of Brazilian racism. *Signata*, n. 13, n.p., 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/signata.4085>. Acesso em: 10 jan. 2023.
- SCHWARTZMANN, M. N. A doméstica como síntese do racismo brasileiro: discurso, formas de vida e cultura. *Estudos Semióticos*, São Paulo, v. 17, n. 2, Dossiê temático: “A Semiótica e a cultura”, p. 221-243, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/181055>. Acesso em: 17 jan. 2023.
- SCHWARTZMANN, M. N. PORTELA, J. C. Reflexões para uma semiótica das culturas: o caso da identidade trans. In: BUENO, A. M.; MANZANO, L. C.; ABRIATA, V. L. R. (org.). *As crises na/da contemporaneidade*. Franca: Editora Unifran, p. 59-85, 2017.

SCHWARTZMANN, M. N.; PORTELA, J. C. Das ferramentas de busca ao texto: a construção da identidade LGBT em revistas digitais. *CASA*, Araraquara, v. 14, p. 1-15, 2015. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/view/8584/5762>. Acesso em: 5 mar. 2023.

SCHWARTZMANN, M. N.; PORTELA, J. C.; DONDERO, M. G. Atualidade do sincretismo: questões de método. *In*: SCHWARTZMANN, M. N.; PORTELA, J. C.; DONDERO, M. G. (org.). *Linguagens sincréticas: novos objetos, novas abordagens teóricas*. Campinas: Pontes Editores, 2021. p. 7-12.



Recebido em 07/03/2023. Aceito em 04/09/2023.